

Uma tradução de *O condutor*

A translation of The conductor

Eloah Pina¹

Resumo: Nascido em Moscou em 1967, Dmitri Lvóvitch Býkov é um dos mais prolíficos autores da cena literária russa atual. Sua obra literária é vasta, e inclui romances, contos, ensaios e biografias. O conto “O condutor” foi originalmente publicado, em 2007, na revista *Sakvoiáj SV*, e tem sua estrutura baseada no cronótopo da estrada, especificamente da via férrea, símbolo largamente empregado na literatura russa desde o século XIX. Neste conto, tal símbolo é um dos meios empregados por Býkov para ironizar o passado russo-soviético. A presente tradução apresenta comentário e notas que explicitam tais procedimentos do autor.

Palavras-chave: Literatura russa contemporânea; Estudos da tradução; Dmitri Býkov, Contos de ferrovias.

Abstract: Born in Moscow in 1967, Dmitri Lvóvitch Býkov is one of the most prolific authors on the current Russian literary scene. His literary work is vast, and includes novels, short stories, essays and biographies. The short story “The conductor” was originally published in 2007 in the magazine *Sakvoiáj SV*, and its structure is based on the chronotope of the road, specifically the railroad, a symbol widely used in Russian literature since the 19th century. In this story, this symbol is one of the procedures used by Býkov to ironize the Russian-Soviet past. The present translation introduces commentary and notes that explain these author's procedures.

Keywords: Contemporary Russian literature; Translation studies; Dmitri Bykov; Railway tales.

1. Introdução

Nascido em Moscou em 1967, Dmitri Lvóvitch Býkov é um dos mais prolíficos autores da cena russa atual. Formado em jornalismo, iniciou sua carreira profissional lecionando literatura em escolas secundárias, atividade que hoje exerce sem vínculo em universidades e outras instituições de ensino. Sua obra literária é vasta: além de romances, contos e ensaios, inclui biografias de Pasternak, Górkí e Maiakóvski. “O condutor” foi originalmente publicado, em 2007, na revista *Sakvoiáj SV*, distribuída gratuitamente pela companhia estatal RZD Ferrovias Russas, e posteriormente reunido na coletânea *Contos de ferrovias*.

¹ Mestre em Letras (Literatura Russa) pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. eloah.pina@gmail.com.

O motivo da ferrovia e dos trens como um símbolo atrelado ao destino das personagens é frequente na literatura russa. Pode-se dizer que desde a construção do primeiro trecho de linha férrea no país, ainda no século XIX, tal motivo esteve presente nos textos dos mais célebres autores, entre eles Nikolai Nekrássov, Anton Tchékhov, Liev Tolstói, Ivan Búnin, Marina Tsvetáeva, Boris Pasternak, e até os recentes Viktor Erofeev e Viktor Pelevin. Para tamanha representação literária, há uma infinidade de mitos e metáforas construídos em torno das estradas de ferro. Segundo a conceituação de Iuri Lótman (LÓTMAN, 1996) sobre símbolos, a ferrovia opera como símbolo simples que, ao contrário do que a nomenclatura sugere, é mais profundo do que os símbolos complexos. Os símbolos simples são primitivos, abertos e polissêmicos. Isso porque, com o passar do tempo e da história, foram passíveis de agregar diversos significados, suscitarem mais memórias. Em cada uma das obras sobre trens há um aspecto acerca deles. O constante uso do intertexto, da memória e desses símbolos simples o transformam de modo dinâmico. Isto é, segundo Lótman, a dinamização da cultura faz com que ao preservar a memória e os símbolos culturais, os agentes da cultura – neste caso os autores literários – o transformem, agregando mais sentidos a eles. E é justamente essa perpetuação e transformação da memória que ocorre no conto de Býkov. É pelo uso do intertexto, sobretudo da ferrovia, que ele alcança o efeito crítico, irônico e mordaz.

Há ainda que se ressaltar que em “O condutor” a estrada de ferro não é somente um tema, mas um cronótopo. Nas palavras de Bakhtin, o cronótopo é “a fusão dos indícios espaciais e temporais num todo compreensivo e concreto. [...] o próprio espaço intensifica-se, penetra no movimento do tempo, do enredo e da história” (BAKHTIN, 2002). Isto é, ao mesmo tempo em que a narrativa acontece no espaço interno do vagão, a passagem do tempo está marcada pelo deslocamento ao longo da via férrea, bem como as mudanças internas de humor do personagem e seu destino, concomitante ao fim da viagem.

Býkov traça ainda um trilho paralelo no conto, e compara a sensação de imutabilidade da vida de seu personagem com a estagnação da Rússia pós-soviética, construindo tal semelhança não somente pela descrição encadeada das paisagens e cidades com as sensações de Stepánov, mas pela inserção de elementos intertextuais do passado soviético. A fim de garantir a compreensão do leitor brasileiro de tais sutilezas irônicas por parte do autor, a tradução não pôde deixar de identificar expressões idiomáticas e referências diretamente ligadas a esse período da história russa em nota. Ainda que seja uma das narrativas menos cômicas de *Contos de ferrovias*, “O condutor” deixa transparecer o humor crítico do autor sobre a Rússia em seus detalhes.

O condutor (Dmitri Býkov)

Quando Stepánov se encheu de tudo, decidiu partir pelo caminho escolhido havia tempos, a saber, para onde quer que fosse. Pulemos os motivos que lhe encheram a paciência, e os detalhes e as formalidades abomináveis que quase sempre acompanham uma partida. O principal é que depois de algumas experiências inevitáveis, diante das quais o melhor a fazer é suportar internamente, de olhos fechados, ele se viu em um vagão-leito confortável, no qual ia sozinho, e por alguma razão, ao crepúsculo, embora tivesse deixado sua casa em meio ao calor sufocante e úmido típico de um dia pesado e quente de verão, o que reforçava ainda mais sua decisão de fugir logo dali para qualquer lugar. Provavelmente algumas horas se passaram durante a adaptação. Em inglês existe a bela expressão *found himself*: muito mais precisa que a nossa “encontrar-se” e todos os seus sinônimos. Ele justamente achou a si mesmo, como se estivesse em um longo caminho pelo vagão fresco que balançava, com as cortinas ao vento, e de repente percebesse que estava na cabine há muito tempo, e no mesmo instante voltasse a si. Era o que parecia. O calor faz delirar com coisas ainda mais estranhas.

Ele não pegara quase nada, porque viajava sem nenhum objetivo e não tinha muita ideia de onde iria parar. Pois noventa por cento da bagagem se determina pelo destino: para a praia, você pega a sunga e o protetor solar; para fora do país, o guia; para a namorada de outra cidade, um presente; mas ele foi com a firme intenção de desembarcar onde gostasse. Tinha algum dinheiro e cartão de crédito: no lugar, se orientaria. Algumas vezes na vida já resolvera assim seus problemas: sentava no trem e ia aonde o vento levasse² e, durante sua ausência, tudo se resolvia por si. Afastar-se é o mais adequado, as pessoas resolverão seus problemas sem nós, e voltaremos quando tudo estiver pronto: seja como for. O crepúsculo demorava-se, como só acontece em junho. Pela janela, via-se uma luz verdejante e lodosa, estendia-se o bosque dentado e sobre ele se pendurava uma estrelinha pálida, parecida com uma flor no musgo. Estava escurecendo, mas de maneira alguma escurecia completamente, e nisso havia algo pesaroso, como se na despedida alguém insistisse com Stepánov: não vai embora, deixa, ainda dá tempo de descer.

² Em russo, a expressão é “куда глаза глядят” [kudá glazá gliádit] e significa literalmente “aonde os olhos olharem”. Ademais, esta é uma expressão idiomática folclórica típica dos *skazki* ou contos de magia. Ela é empregada para dizer que o herói não sabe aonde ir para resolver seu conflito, mas sairá em busca de uma solução onde quer que seja. Assim, a semântica é de um caminho errante, sem trajeto definido por escolhas prévias.

Havia até uma ou duas paradas em estações de nomes insignificantes que ele já tivesse passado por elas no tempo de suas incontáveis partidas de Moscou para diversos negócios – como pareciam agora – estúpidos. Em uma estação – talvez Deviátovo, talvez alguma outra – sentiu a clareza especial de que todo seu futuro destino se decidiria exatamente ali: posso descer e então tudo será de um jeito, ou posso ficar e então será diferente. Mas, para descer, era necessário esforço – era preciso levantar, atravessar o corredor, sair do vagão fresco para a estação ainda abafada, onde o asfalto devolve o calor do dia com relutância; e andar por ela, e de alguma maneira chegar em casa vindo da periferia, lutando com uma vaga vergonha pela intenção fracassada. Pois bem, e o desejo de voltar era fraco, como se fosse uma pontadinha, como se fosse um apelo da culpa – assim certa vez Stepánov foi chamado por uma mulher, que por meia hora havia insistido muito séria que eles deveriam necessariamente se separar, mas quando ele se levantou do banco descascado e começou a sair do parque empoeirado e deplorável, como havia muito tempo tudo se tornara para eles, ela de repente o chamou pelo nome com voz de desamparo, e ele, é claro, não virou para trás, porque havia muito tempo queria lhe dizer tudo aquilo, mas tinha pena dela. Para ele sempre foi mais fácil chegar a um ponto em que de alguma maneira tudo se resolvesse por si só. Aparentemente isso era ruim, mas a pontada da consciência era já tão fraca quanto o apelo para ficar. Já se acomodara, estava encaixado e de alguma maneira acostumado ao vagão.

Logo depois dessa estação, em que ficaram parados uns quatro minutos, como se dessem tempo para ele escolher, o condutor apareceu. Era alto e teve de curvar-se para entrar na cabine; aparentava pouco mais de quarenta anos, como o próprio Stepánov, tinha o rosto comprido com uma expressão de quem pede perdão, que só os bons condutores têm, perfeitamente conscientes de que até mesmo as mais confortáveis cabines e os mais delicados serviços não compensam a pequena tragédia da partida, da mudança de um modo de vida para outro. O condutor trouxe chá num copo fino, num velho suporte de copo prateado – Stepánov entendeu que comprara o bilhete para um trem muito caro, mas fazia tanto calor que não atentou para nada, até a avareza deu uma trégua... Além do mais, para tal tipo de viagem, quando tudo já encheu muito a paciência, não se deve economizar dinheiro. Pois que tudo seja do mais alto nível. O condutor o cumprimentou, pôs o suporte de copo pesado na mesa e, com gestos de mágico, com aquele sorriso culpado, começou a tirar dos incontáveis bolsos secretos guloseimas simples de viagem, porém saborosas: waffle Artek, um pacotinho de frutas cristalizadas, nozes...

– Quanto fica? – perguntou Stepánov.

– Nada, está tudo incluso no preço... Se precisar de algo me chame. Ali tem um botão – ele afastou a cortina e mostrou um botãozinho branco perto do abajur.

– Você sabe, acontece que... – Stepánov começou com cautela, entendendo que agora ia falar uma besteira e bancar o bobo, mas por alguma razão isso não tinha importância. – Eu não estou indo com nenhum objetivo, só estou viajando por viajar. Mas ainda não decidi onde vou descer. Talvez você possa me sugerir algum destino, alguma cidade, onde dê pra passar algum tempo... descansar de tudo e tal...

– Vou sugerir – concordou o condutor com a cabeça. – Será de manhã, por volta das oito. Acordarei o senhor meia hora antes.

– E qual é a cidade? – Stepánov demonstrou um interesse preguiçoso. Já estava pegando no sono, o frescor e a luz esverdeada pela janela dispunham-no perfeitamente a um cochilo.

– O senhor não vai se confundir – disse o condutor. – Não haverá outras paradas. Depois sim, mas até lá não.

O condutor não deslizou a porta de correr silenciosa e Stepánov viu como andava pelo corredor outro condutor, baixo e corpulento, com o costumeiro suporte de copo e, de relance, ainda uma condutora esbelta, de pernas longas, com uma garrafa de refrigerante.

– Como vocês são muitos – notou ele, aprovando.

– Sim, nosso trem é de alto conforto. Temos um condutor para cada passageiro – isso foi dito com modesta dignidade, com um orgulho secreto pela empresa.

– Na verdade, sabe... – pronunciou Stepánov, por alguma razão se sentindo muito leve e desinibido com esse cara tão alto que via pela primeira vez. – Me parece que aqui há um certo exagero. Que a comodidade do caminho, como posso dizer, é inversamente proporcional à presença de um propósito. Quando a pessoa tem muita necessidade de chegar a um lugar, ela não presta atenção no conforto: pode até ir no teto. Mas quando para ela tanto faz aonde ir, o que está ao redor ao longo do caminho tem muita importância. O senhor não acha que agora dedicamos muita atenção aos diferentes tipos de confortizações, aconchegamentos – ele disse, rindo de si, com a leveza que se tem apenas nos sonhos, mas agora tudo era real, só a impressão chegava com atraso, como se estivesse chapado. O chá estava quente, mas quente como se através de um véu, e até o crepitar da mordida no waffle chegava com certo atraso, como o trovão depois do relâmpago. Esse pensamento divertiu um pouco mais Stepánov, e o condutor, ao que parece, adivinhou e também sorriu.

– É, o senhor está certo – notou –, mas isso é sempre assim. A preocupação com o conforto é sempre com o homem. Com o que mais se preocupar agora? Seria melhor ir esmagado?

– Não só com o homem – especificou Stepánov. – Com a imagem da empresa.

– Bem, a reputação da nossa empresa é tão boa que já não é preciso se preocupar mais – disse o condutor, sério. – Além do mais, de qualquer forma somos monopolistas.

– Ei, ei, ei! – de bom humor Stepánov apontou-o com o dedo, repreendendo-o. – Isso não é justo.

– Como se diz? Diante de toda a riqueza de opções, não há alternativa³ – respondeu o condutor. Parecia não ter nenhuma pressa, sentado à frente, aquecendo as mãos entre os joelhos, e se oferecendo para prolongar a conversa, para que o passageiro, deus nos livre, não se entristecesse. O chá estava forte, revigorante – Stepánov não queria mais se deitar e decidiu bater um papo com o condutor, que, surpreendentemente, respondia a todas as perguntas com precisão, isto é, em plena conformidade com as expectativas de Stepánov e até com um pouco mais de esperteza. Era possível falar qualquer coisa: um condutor é um condutor, um companheiro de viagem contratado. Assim, às vezes despejamos na cabine tudo a respeito de nós em cima de uma pessoa aleatória, e de manhã partimos para viver adiante, após ter aliviado a alma.

– Mas, bem, admita que a maioria agora viaja como eu – continuou ele, esparramando-se. – Nenhuma noção especial do objetivo, e por isso uma atenção especial ao ambiente. Na realidade, agora todos só estão ocupados com o conforto, e só oferecem isso. E eu não sou contra: gosto muito desse trem de vocês. Mas isso compensa tudo, quer dizer, a completa incerteza no final...

– Eu não acho – disse o condutor com delicadeza. – Pelo contrário, é como se sugerissem que no final nada será ruim, horroroso. Seja qual for o propósito de sua viagem, não importam suas razões – é como se pelo menos fizessem entender que a vida é um pouco melhor do que o senhor pensa, que o mundo é mais piedoso, que se preocupam com o senhor. Parece que hoje o principal problema se resume à pessoa andar por cima de uma película muito fina que a qualquer momento pode se romper, aí lhe parece que ninguém oferecerá uma mão amiga. Mas quando ela se depara com uma atmosfera de cuidado, imediatamente tem a impressão de que o mundo não é tão hostil... de que ele, talvez, não a esteja expulsando, mas,

³ Referência ao comercial da ONG Alternativa, veiculado no início dos anos 1990, no período de estabelecimento do capitalismo no país. O slogan transmitido era “При всем богатстве выбора другой альтернативы нет” [Diante de toda a riqueza de opções, não há outra alternativa]. Ficou conhecido pela redundância gramatical de “другой альтернативы” [outra alternativa], a qual Býkov suprime.

ao contrário, esteja até feliz em tê-la... O senhor há de concordar que a situação de partida em si... de deixar tudo aquilo com que estamos acostumados... pressupõe certo estresse. Até mesmo sair de casa e chegar à estação já é um estresse, ainda que você não se dê conta. É preciso contrabalançar isso, se possível, não é verdade?

– Mas é nesse estresse que consiste toda a vida – objetou Stepánov.

– E como! Tudo é pouco confortável, na maioria das vezes repugnante... Aí isso se acumula e então em um belo dia tudo enche a paciência. Então o condutor é necessário. Ele faz entender que não é preciso provar mais nada a ninguém. Você fez tudo certo, você sentou no trem certo e vai diretamente à cidade certa.

– Excelente! – falou devagar Stepánov – Excelente! Que serviço perfeito! A pessoa faz uma viagem de negócios, desnecessária tanto para ela quanto para o trabalho, só vai para marcar presença. O condutor vem à sua cabine e o convence de que essa viagem tem um propósito, que está tudo certo...

– Sim, é óbvio – o condutor fez que sim com a cabeça. – Mas isso, é claro, não acontece em qualquer trem.

– Tudo bem. Então me convença de que todo o resto faz sentido, você consegue?

– É claro – o condutor fez que sim com a cabeça. – O senhor veio parar em nosso trem, então significa que não foi acidental.

– Mas este trem é relaxante. – Stepánov tentou uma última vez explicar a si mesmo e ao condutor seu vago sentimento de constrangimento e de não merecimento em relação ao que estava ocorrendo. – Começo a achar que eu mereço isso tudo. Mas eu não mereço, eu só comprei o bilhete.

– Não, também é preciso saber comprar o bilhete. É preciso firmeza, até mesmo coragem – disse, com respeito, o condutor – Em muitas situações, eu pensaria mais, mas as pessoas fazem escolhas tão rápido. Isso é heroísmo, quase como no *front*.

– Sim, sim... Mas veja, quando o homem está cercado por conforto e cortesia, sem querer alcança a mais elevada autoestima. Parece-lhe que não é culpado de nada. Mas todos são culpados...

– Não é verdade – disse o condutor. – Disso eu devo discordar. Não sei quem lhe incutiu isso. Por que culpados, diante de quem? Por que se deve sempre imaginar um julgamento? O homem sofre a vida inteira, desde o nascimento – é preciso ser um verdadeiro sádico e muito criativo para ainda por cima cobrá-lo por isso. Existem, é claro, pessoas ruins que sentem prazer com o sofrimento do próximo, mas a quantidade delas é muito exagerada, principalmente pela literatura, em que todo o tempo se precisa de conflitos. Mas, na realidade,

são passageiros comuns, posso lhe assegurar. Eu vi muitos passageiros, trabalho há muitos anos. E cada um, quando senta no trem, por alguma razão tem certeza de que é culpado. Quem levou os senhores a isso – não dá para entender. Ninguém é culpado de nada, durma.

– Bem, você é quem sabe – continuou Stepánov, acomodando-se com conforto na cama. – Na minha opinião, apesar de tudo não sou um homem muito bom.

– É muito bom, muito – murmurou o condutor e, curvando-se, saiu. Stepánov adormeceu ainda antes que as costas arqueadas azuis do condutor desaparecessem à meia-luz do corredor.

Pela manhã despertou com a delicada batida na parede – a porta estava e estivera aberta a noite toda.

– Levante, chegamos.

– Que cidade é essa, afinal?

– Não se preocupe, eu acompanharei o senhor – disse o condutor.

– O que quer dizer com acompanhar? Você não tem que seguir adiante?

– Não, nós temos esse serviço. Eu ajudo a escolher a cidade e a se instalar, depois partirei. Ser condutor significa conduzir.

– Mas há um hotel lá, pelo menos?

– Para quê hotel? – surpreendeu-se o condutor. – Nós alugamos uma casa.

– O que é isso, também faz parte do serviço? – perguntou Stepánov começando a se irritar. Ele estava deixando de gostar desse conforto elevado.

– Já não é mais nosso serviço, isso a cidade oferece. Por acordo conosco. Por acaso o senhor acha que não merece uma casa?

– Olhe, como você sabe o que eu mereço ou não mereço? Saí por dois dias, para dar uma relaxada...

– Bem, está ótimo, mas será possível dar uma relaxada em um hotel? No hotel há barulho, comida ruim, pessoas desconhecidas... Em uma casa é possível, afinal, descansar. Conhecer a cidade, passear...

– Que merda é essa? – resmungou Stepánov.

Ele imaginou que agora o condutor o levaria à cidade, para alguma dona de casa com a qual tem acordo de entrega de clientes, e a casa seria provavelmente suja, provinciana, e ainda lhe empurrariam mulherezinhas quaisquer, cafetões... O condutor o olhou com uma zombaria disfarçada, e isso o irritou ainda mais.

Caso o senhor não goste de alguma coisa – disse o condutor –, poderá escolher um hotel ou outra casa a qualquer momento. Mas o senhor vai gostar, para isso vou desembarcar com o senhor.

O trem arrancou como se alertasse a partida iminente.

– Vamos, por favor – disse o condutor. – Senão iremos parar em um lugar que não lá.

– Está bem, estou me vestindo, pondo o cinto – grunhiu Stepánov, calçou as botas e seguiu o condutor para a plataforma fresca e nublada. Pareceu-lhe bom que o calor retirou-se, dando espaço ao seu tempo preferido: cinzento, sempre a se armar sem nunca derramar a chuva, com nuvens baixas que abriam e fechavam o céu. Olhou de relance para o prédio amarelo da estação, tentando ler o nome da cidade, semicerrou os olhos, mas não compreendeu nada. Só conseguiu decifrar que terminava em “sk”.

Ele estivera em tais cidades, conhecia-as muito bem – casinhas amarelas e cinzas, colinas, o enorme rio cor de aço, cães latindo um para outro, o mercadinho com sementes de girassol, cogumelos salgados e utilidades domésticas chinesas, com certeza uma biblioteca regional com o nome de um literato de terceira categoria nascido aqui, o cinema em ruínas, às vezes um prédio de fábrica de tijolos vermelhos em um quarteirão inteiro... Eles subiram uma longa ladeira, Stepánov começou até a ofegar – o condutor andava com facilidade, confiante, e poderia ir muito mais rápido, mas por consideração a Stepánov ajustava-se à sua lentidão. Ele, ao que parece, sabia exatamente o destino e não se emaranhava nas teias das ruas indistinguíveis e tortuosas – ora cobertas de casas térreas, ora fincadas em fileiras de decadentes *khruschoby*.⁴ Parecia a Stepánov que ele conhecia os lugares, mas isso porque havia estado muitas vezes em cidades semelhantes. No entanto, uma curva lhe deu a impressão de ser definitiva e incondicionalmente conhecida – era exatamente assim que acabava a rua para a qual Stepánov se mudara com os pais, quando tinha cinco anos. Naquele tempo o subúrbio moscovita acabara de ser coberto por construções e era possível andar até uma aldeia próxima para colher flores de lilás. Essa rua era bem parecida com aquela que terminava – só não havia as flores de lilás, que se foram. Seja como for, é horrível como tudo é igual no nosso país.

– É aqui – disse o condutor. – Se não gostar, procuraremos outra.

Como de costume, tirou a chave de debaixo do tapete e abriu a porta de madeira pintada com tinta azul bem desbotada – Stepánov se lembrava perfeitamente daquela cor: era a cor da casa da datcha do vizinho, um homem misterioso que sempre deixava a luz acesa à

⁴ Forma pejorativa de se referir às хрушевки [khruschióvki], prédios de cinco andares, blocos de apartamentos, padronizados e construídos em massa na URSS durante o governo de Nikita Khruschiov.

noite. Diziam que tinha enlouquecido e tentava descobrir um composto químico capaz de destruir todo o mato do terreno, mas sem causar dano às culturas úteis. O vizinho era carinhoso, tranquilo e regalava Stepánov com framboesas que cresciam ao longo da cerca.

Mal entrou, Stepánov logo percebeu que não teria de buscar mais nada. Se era verdade que o condutor tinha um acordo com a dona da casa, então pelo menos ela cumprira com todos os requisitos. Já o primeiro cômodo, onde entraram, avançando da sacada, era exatamente o que ele queria: o mesmo cômodo feliz em que ele vivera quando tinha quinze anos. No geral essa fora a melhor época, o despertar de todas as capacidades, a tomada de consciência de todas as possibilidades. Naquele tempo, o mundo olhava para ele com uma surpresa alegre – veja como você é bom nisso e naquilo! Ele reconheceu com alegria o sofá de estofado verde, a antiga mesa da bisavó com gavetas (uma não abria, e ele ainda não sabia o que havia ali – quando estava no exército os pais trocaram toda a mobília; o que poderia haver ali? Sem problemas, agora vamos ver, agora sem falta todas as gavetas serão abertas). Ele espiou embaixo do sofá e com alegria viu a bola, que fora perdida do nada quando Stepánov tinha cinco anos: rodou pelo bosque atrás dos arbustos, todos procuraram e não acharam. Eis onde ela está! O papel de parede envelhecera um pouco, mas a estampa era a mesma de antes: linhas se cruzando em ângulo reto, brancas sobre fundo cinza; tantas vezes ele as olhara de manhã, no quadrado de sol que se movia lentamente da cabeça para os pés. Quando se arrastasse até a rachadura, então com certeza já era a hora de levantar.

– E então? – perguntou o condutor com alegria. – Eu disse, o senhor não ia querer outro.

– Bom, bom – murmurou Stepánov.

Tudo fora feito com precisão, a gosto, a empresa não faz nada nas coxas⁵. Para dizer a verdade, se entusiasmaram demais copiando – tem uma porta na sacada, pois moravam no terceiro andar, mas para que uma sacada em uma casa térrea de madeira? Mas ele se aproximou da porta da sacada e viu aquela mesma paisagem em que crescera, que se transformou depois da mudança apesar de permanecer amada e insubstituível. Pessoas

⁵ Em russo “фирма веников не вяжет” [firma venikov nie viajet] é uma expressão retirada da obra *As doze cadeiras*, de Ilf e Petrov, muito lida na URSS e que, por seu tom satírico, acabou por firmar várias expressões populares no país, entre elas a usada por Býkov. A expressão literalmente quer dizer “a empresa não tece vassouras”, uma vez que antigamente os camponeses em seu tempo livre trançavam suas próprias vassouras de palha, artesanalmente, sem rigor. Por derivação, a expressão quer dizer que não se faz malfeitos, mas tudo com qualidade, um trabalho de alto nível. De maneira similar, em português “não faz nada nas coxas” remete à expressão “fazer nas coxas”, criada com relação às telhas que os escravizados no Brasil moldavam em suas próprias coxas, resultando em objetos desiguais, diferentes entre si, e empregada posteriormente para designar trabalhos malfeitos. Ambos idiomatismos guardam em si a conotação do trabalho artesanal. A domesticação nesse caso, como ferramenta de transporte do autor até o universo do leitor funciona, mas não sem a perda mínima do intertexto literário.

voltavam do trabalho (perto havia uma fábrica, um subúrbio operário de Moscou comum no começo dos anos 70), trólebus viravam pela esquina... É verdade, agora não havia quase ninguém, mas o tempo era o mesmo: o pôr do sol dourado sobre a rua e os campos de repolho ao longe. Ainda fumegava a chaminé grossa e baixa, justamente atrás da qual o sol se põe. É preciso olhar amanhã de manhã – de repente ali será manhã?

– Vou olhar os outros cômodos, tudo bem? – Por algum motivo Stepánov pediu permissão, embora entendesse que aquela casa já era sua propriedade.

– Claro, claro – assentiu o condutor, sentando-se um pouco no sofá.

Stepánov pensou que o cômodo ao lado seria o quarto dele e de Olga, mas em vez do quarto de Olga estava o de Nádía, penumbroso, triste, onde sempre houvera uma pena insuportável de todos, e mais que de todos, de Nádía, incapaz, a desamparada Nádía, que com esse desamparo apanhara-o mais fortemente do que qualquer rede; ele sabia perfeitamente qual o preço de toda essa desordem e incapacidade e por isso fugira no final das contas, porque entendera que já o haviam apanhado e agora o devorariam; mas de qualquer forma, com ninguém e em nenhum lugar ele fora tão feliz como naquele cômodo que mobiliaram juntos, somente com o dinheiro dele. Com Olga tudo ia bem, era normal, Olga conseguia cuidar de si, Nádía não; no entanto, ele sentia que Nádía jogava com aquilo, enquanto Olga vivia simples e honestamente, mantendo-se sozinha, e por isso não abandonou Olga; e Nádía não se perdeu, no fim das contas fora para a Inglaterra, mas lá, dizem, também era infeliz. Esse cômodo não existia mais: ela vendeu o apartamento, depois derrubaram o velho prédio – era de tijolos e cinco andares na região da avenida Ryazanski, e ele amava tanto os álamos nas janelas, como a jardineira embaixo das janelas, e até as velhas abomináveis na entrada. De alguma maneira, foi assim, estar à disposição, sustentar, cortejar e cuidar era a sua natureza, e para Nádía essa natureza era mais adequada; nas mãos dela, tudo se quebrava, caía aos pedaços, até a cama nova que eles escolheram juntos, até a televisão que ele arrastou sozinho no lugar da velha – mas até dessa fragilidade das coisas ele gostava, as coisas não envelheciam do nada, mas em razão da proximidade com a verdadeira paixão, sempre destrutiva. E por que não foi embora naquela época? De qualquer maneira, ele abandonou Olga depois. É horrível porque enquanto os relacionamentos estão vivos – eles estão vivos em ambas as famílias, e morrem por alguma razão também simultaneamente, então não há mais motivo para ir embora. Às vezes ele sonhava que esse quarto seria dele; e agora era totalmente dele, mas sem Nádía, que só atrapalharia, sem Nádía, agora, totalmente compreensível com sua avidez mascarada e ardilosamente escondida. E isso é o melhor – quando tudo faz lembrar Nádía, mas ela mesma não está ali. Com alegria reconheceu seu antigo toca-discos, junto aos

discos de vinil e uma bolsa com fotografias antigas no armário. Parece que Nádia tinha várias bolsas, não as desfez desde a última mudança. Ela nunca tinha tempo para nada, mas, por outro lado, com que estava ocupada? Mas ele não estava zangado, nem um pouco, só triste. E na janela de Nádia estava aquele tempo de sempre, que ele amava mais do que tudo – quatro horas da tarde, a cidade dormitório, as crianças que voltaram da escola rangem os balanços no pátio, gritam, correm para lá e para cá, atrás da bola. E o vento, vindo do postigo, resfriava o corpo quente. Ele amava mais do que tudo ficar com ela durante o dia, ao redor a vida passava e ninguém sabia de nada. A intimidade parecia mais aguda por causa da proximidade desses gritos e dos rangidos pela janela. A velha saía para regar o canteiro de goivos – interessante, será que a velha sairia? Ou ela agora morava em outra casa? Será que a vida toda ela desejou tocar piano ou dançar valsa com um coronel e nunca, de jeito nenhum, regar goivos?

O terceiro cômodo – sim, é claro, sobre esse ele já adivinhara. Era o da datcha, com móveis que rachavam e rangiam musicalmente. A casa de madeira de sua infância há muito tinha sido demolida, e ele não gostou daquela que construíram. Mas aqui tudo era como ele queria – uma toalha de mesa de plástico, estampada com xícaras de chá, pires, covilhetes, uma otomana com colcha vermelha listrada, um armário com revistas velhas, uma escada para o sótão com muitos objetos misteriosos e vespereiros aninhados no telhado. Agora vamos rever tudo, rearrumar tudo, reler as revistas, haverá muito tempo.

O quarto cômodo era o dormitório infantil do primeiro filho, o mais velho, amado (é mentira que amam mais os caçulas) – agora ele cresceu e estava irreconhecível, não tinha o que falar com ele, era óbvio que ficava entediado com Stepánov, como nos últimos tempos todos ficavam entediados com ele – um homem inoportuno, azarado, que prometeu, mas não fez nada. E o que podia fazer? O que esperamos das pessoas? Que elas revolucionem o mundo? Mas, para o filho ele prometia algo especial, individual, e embora na infância tenha sido especialmente feliz, ao ler em voz alta para o filho ou montar modelos pré-fabricados com ele – Stepánov sentia uma angústia veemente, um desejo aflitivo de fazer algo imediatamente, algo que todos esperavam. Mas o que havia de ser feito – ele de novo não adivinhou e retornou ao primeiro cômodo, temendo mais que tudo que o condutor tivesse fugido e não houvesse com quem buscar uma resposta. Mas ele não havia fugido, estava sentado no sofá como deveria, sorrindo com benevolência.

– Obrigado, você fez tudo muito bem – disse Stepánov. – Construiu tudo admiravelmente, considerou todos os detalhes, estou muito contente.

– Agradeça a si – sorriu o condutor. – Pois foi o senhor quem construiu, este é o seu lar, que acabou ficando assim.

– Sim, sim – continuou Stepánov distraído – quem constrói algo, fica com o que construiu... É muito bom que, pelo menos, não tenha sido uma câmara de gás. Mas sabe, de repente, agora, eu pensei... se tudo se limita a isso, então não está tudo bem. Não completamente. Sabe, eu poderia ter sido mais, melhor... poderia ter sido, sei lá, totalmente diferente...

– Ali ainda tem uma despensa – o condutor explicou um pouco inquieto. – Bom, o senhor se lembra, na oitava série, da colega de classe Maria Astákhova.

– Disso eu me lembro, sim – esquivou-se Stepánov. – A despensa, obrigado, muito bom. Mas sabe... dia após dia, sempre, olhar essa paisagem... A inquietação, que havia começado a se manifestar com uma leve pontada, agora começou a arder, se espalhou pelo corpo, aqueceu não só o peito, mas todo o rosto, e ficou difícil mexer a mão esquerda. Acho que isso é angústia. E apesar de eu amar... ter amado... as cidades russas provincianas, ainda há muitas outras possibilidades. Acho que se você me desse ainda alguma chance...

– Mas essa foi sua própria decisão – admirou-se o condutor. – E em Deviátovo poderia ter mudado de ideia...

– Sim, sim! – disse Stepánov ressentido; aquela polidez já o enfurecia. – Poderia, mas você sabe... às vezes tudo enche tanto a paciência... Você compreende, às vezes a gente não consegue se controlar

– Podemos olhar outra casa – disse o condutor pacientemente. – Outros cômodos.

– Não, não, não é esse o problema! Tanto faz porque todos eles já foram, o senhor entende? Às vezes a gente toma decisões precipitadas. Acontece, sob a influência do momento, mas por que estou contando a você? Dá para perceber que você nunca experimentou nada parecido. Eu estimo sua empresa, pagarei quanto e o que for preciso. Mas eu peço muito que você me leve à estação. Lá eu não me orientarei sozinho, e você é condutor. É sua obrigação. Está incluso nos seus serviços, afinal de contas.

O condutor levantou-se e Stepánov encheu-se de alegria.

– Ótimo! – disse ele. – Ótimo, olha, eu já falei. Vamos, então?

– Eu vou – disse o condutor, culpado. – Mas o senhor sente um pouquinho ali, se acalme. Depois vá, passeie, veja o povoado. Ali há muita gente, só que agora todos estão no trabalho.

– Não, não – insistiu Stepánov. – Vamos juntos, e você me conduzirá à estação. Ah, mudei de ideia! Ah, acontece! Ah, por favor! – lamuriou-se já completamente infantilizado. – O que eu vou fazer aqui, pense só! É insuportável, tantas vezes já vi tudo isso! Tantas coisas ainda são possíveis... vamos, hein? Você me conduzirá! Você é condutor!

O condutor parou na entrada.

– Sabe – disse –, na verdade, eu mesmo sou o culpado. Era preciso precaver. O caso é que eu não sou de fato um condutor...

– Argh, sim, faz tempo que eu suspeitava! – exclamou Stepánov – Esses seus segredos, deixa para lá, tudo estava claro desde o começo...

– Sim, mas não nesse sentido. – O condutor ajeitou os óculos e se inclinou para a orelha de Stepánov. – Sou um semiconductor, entende?

– Não estou entendendo... – disse Stepánov.

– Apenas para um lado – disse o condutor. – Estava escrito lá, na parede do trem. Só que ninguém nota, mas deveriam. Bem, o senhor descanse um pouco. E depois terá... lá tem um jardim, com maçãs. Lembre-se, como no kolkhóz,⁶ depois do primeiro ano na faculdade...

– Sim, sim – disse Stepánov. – Lembro, lembro. Maçãs.

Проводник

Когда Степанову все надоело, он решил уехать давно выбранным маршрутом, а именно куда попало. Опустим причины, по которым ему надоело, и детали, и отвратительные формальности, почти всегда сопровождающие отъезд. Суть в том, что после некоторых неизбежных переживаний, которые лучше всего перенести, внутренне зажмурившись,— он оказался в удобном спальном вагоне, в котором ехал один, и почему-то в сумерках, хотя дом покидал в разгар душного, влажного, с прибывающей тяжелой жарой летнего дня, еще укрепившего его в решении немедленно куда-нибудь отсюда деться. Вероятно, несколько часов ушло на адаптацию. В английском есть прекрасное выражение *found himself*: оно гораздо точнее нашего «очутился» и всех его синонимов. Он именно нашел себя, как если бы долго шел по качающемуся прохладному вагону с разлетающимися занавесками и вдруг увидел, что давно уже сидит в купе, и тут же с собой воссоединился. Так это выглядело. От жары и не такое померещится.

Он не взял с собой почти ничего, потому что путешествовал без всякой цели и не очень себе представлял, где окажется. Багаж ведь на девять десятых определяется пунктом назначения: к морю берешь плавки и крем от солнца, за границу — путеводитель, к иногородней возлюбленной — подарок, а он ехал с твердым

⁶ Abreviação de Коллективное хозяйство [Propriedade coletiva], os kolkhózes, na União Soviética, eram propriedades rurais fornecidas pelo Estado para cultivo coletivo da terra. Nelas os camponeses se organizavam em cooperativas de produção.

намерением сойти, где понравится. У него было сколько-то денег и кредитная карточка: на месте сориентируемся. Несколько раз в жизни он уже решал так свои проблемы — садился в поезд и ехал куда глаза глядят, и за время его отсутствия все рассасывалось само. Устраниться — это самое верное, без нас решат свои проблемы, вернемся на готовое: как сложится, так и сложится. Сумерки тянулись долго, как бывает только в июне. За окном стоял болотный зеленоватый свет, тянулся зубчатый лес, над ним висела бледная звездочка, похожая на цветок во мху. Темнело и никак не могло стемнеть окончательно, в этом было что-то жалобное, как будто некто на прощание уговаривал Степанова: не езд, ну его, можно еще сойти. Была даже пара остановок на станциях с незначущими названиями, которые он тут же забыл, хотя уже проезжал, вероятно, во время своих бесчисленных отъездов из Москвы по всяким, как казалось теперь, дурацким делам. На одной станции — то ли Девятово, то ли еще как-то — он особенно ясно почувствовал, что вся его дальнейшая судьба решится именно тут: можно сойти, и тогда все пойдет одним путем, а можно остаться, и тогда другим. Но чтобы сойти — требовалось усилие: надо было встать, пройти по коридору, выйти из прохладного вагона на все еще душную станцию, где асфальт нехотя отдает дневной жар, да идти по ней, да еще как-то добираться домой из пригорода, борясь со смутным стыдом от нереализованного намерения. Да и желание вернуться было слабое, вроде укола, вроде виноватого призыва — так однажды позвала Степанова одна женщина, которая полчаса очень серьезно его убеждала, что им надо обязательно разбежаться, а когда он встал с облупленной скамейки и пошел прочь из пыльного жалкого сквера, в который у них давно все превратилось, — она вдруг беспомощным голосом окликнула его по имени, но он уже, конечно, не обернулся, потому что сам давно хотел ей все это сказать, но жалел. Ему всегда проще было довести до того, чтобы как-то разрешилось само. Вероятно, это было плохо, но укол совести был такой же слабый, как призыв остаться. Он уже освоился в вагоне, отяжелел и как-то привык.

Именно после этой станции, на которой, словно давая ему время для выбора, простояли минуты четыре, — появился проводник. Он был высокого роста и пригнулся, чтобы войти в купе; на вид ему было лет сорок с небольшим, как и самому Степанову, и у него было длинное лицо с извиняющимся выражением, какое бывает только у очень хороших проводников, отлично сознающих, что даже самое комфортабельное купе и самое деликатное обслуживание не искупают маленькой трагедии отъезда, перехода из одного уклада в другой. Проводник нес чай в тонком стакане, в старинном серебряном подстаканнике — Степанов понял, что купил билеты на очень дорогой поезд, но было

так жарко, он ничего не соображал, дремала даже жадность... Впрочем, для такого путешествия, когда все действительно очень надоело, не надо жалеть денег. Пусть все будет по высшему разряду. Проводник поздоровался, поставил на стол свой тяжелый подстаканник и жестами фокусника, с той же виноватой улыбкой, принялся извлекать из бесчисленных потайных кармашков нехитрое, но вкусное дорожное угощение: вафли «Артек», пакетик с цукатами, орешками...

— Сколько с меня?— спросил Степанов.

— Ничего, это все входит в стоимость... Если что-то понадобится, позовите меня. Тут кнопка,— он отвел занавеску и показал небольшую белую кнопку рядом с лампочкой.

— Понимаете, какая вещь,— осторожно начал Степанов, понимая, что сейчас скажет глупость и будет выглядеть смешным, но почему-то это не имело значения.— Я еду не по делу, просто так путешествую. И у меня еще нет окончательного решения, где сойти. Может быть, вы подскажете какой-то пункт назначения, какой-то город, где можно провести время... отдохнуть от всего и вообще...

— Я подскажу,— кивнул проводник.— Это будет утром, часов около восьми. Разбужу за полчаса.

— А что за город?— лениво поинтересовался Степанов. Его уже клонило в сон, прохлада этого вагона и зеленоватый свет за окном удивительно располагали к дремоте.

— Вы не перепутаете,— сказал проводник.— Других остановок не будет. Потом будут, а до него нет.

Проводник не задвинул за собой скользящую бесшумную створку, и Степанов увидел, как по коридору с обычным подстаканником идет другой проводник, приземистый и плотный, и мелькнула еще длинноногая поджарая проводница с бутылкой сидра.

— Как вас здесь много,— заметил он одобрительно.

— Да, у нас поезд высокой комфортности. У нас каждому пассажиру придается свой проводник,— это было сказано со сдержанным достоинством, с тайной гордостью за фирму.

— Вообще, понимаете,— произнес Степанов, отчего-то чувствуя себя очень легко и непринужденно с этим длинным, которого видел впервые.— Мне кажется, что здесь несколько перебарщивают. Что комфортабельность дороги, как бы сказать, обратно пропорциональна ее осмысленности. Когда человеку очень нужно куда-то

попасть, он не обращает внимания на комфорт, на крыше готов ехать. А когда ему все равно куда, очень важно именно обставить дорогу. Вы не находите, что у нас сейчас очень много внимания уделяют именно разнообразному укомфорчиванию, обудобливанию,— он говорил, посмеиваясь над собой, с легкостью, которая бывает только во сне, но сейчас все было наяву, только ощущения доходили с запозданием, как по укурке. Чай горяч, но горяч словно сквозь пелену, и даже хруст надкусываемой вафли доносился с небольшой задержкой, как гром после молнии. Эта мысль дополнительно позабавила Степанова, и проводник, казалось, прочитал ее — он тоже улыбнулся.

— Да, вы правы,— заметил он,— но ведь это всегда так. Забота о комфорте — всегда забота о человеке. А о чем еще сейчас заботиться? Разве лучше, когда едут друг у друга на головах?

— Не только о человеке,— уточнил Степанов.— О лице фирмы.

— Ну, у нашей фирмы такая репутация, что уже и заботиться особо не надо,— серьезно сказал проводник.— Потом, мы все-таки монополисты.

— Э, э, э!— добродушно погрозил ему Степанов.— Так нечестно.

— Как это говорится?— при всем богатстве выбора альтернативы нет,— ответил проводник. Он, казалось, никуда не торопился, сидел напротив, зажав руки между колен, и всем видом изъяслял готовность поддержать разговор, чтобы пассажир, не дай бог, не загрустил. Чай был крепкий, бодрил,— Степанову расхотелось укладываться, он решил потолковать с проводником, отвечавшим на все вопросы удивительно точно, то есть в полном соответствии со степеновскими ожиданиями, и даже чуть умней. Говорить можно было все, что угодно: проводник есть проводник, нанятый попутчик. Так иногда случайному человеку в купе выложишь все о себе и пойдешь с утра жить дальше, облегчив душу.

— Но все-таки признайтесь, что большинство сейчас едет, как я,— продолжал он, развалясь.— Никакого особенного представления о цели, поэтому особенное внимание к обстановке. В сущности, только удобствами все сейчас и заняты, только это и предлагается. И я не возражаю — мне очень нравится этот ваш поезд. Но этим всем искупается, так сказать, полная неопределенность в конце...

— Я не думаю,— мягко сказал проводник.— Это, наоборот, как бы намекает, что в конце не будет ничего плохого... ничего страшного. Какова бы ни была цель вашего путешествия, как бы ни выглядели его причины — вам по крайней мере дают понять, что жизнь несколько лучше ваших представлений, что мир устроен

милосерднее, что о вас позаботятся. Сегодня, кажется, главная проблема как раз в том, что человек ходит по очень тонкой пленке и в любой момент может провалиться, и ему кажется, что никто не протянет дружескую руку. Но когда он попадает в атмосферу заботы, ему сразу начинает казаться, что мир не так уж враждебен... что он, может быть, не вытесняет его, а даже рад... Согласитесь, что сама по себе ситуация отъезда... от всего привычного... она предполагает некий стресс. Даже просто выйти из дому и доехать до вокзала — уже стресс, хотя вы не отдаете себе в этом отчета. Надо это уравновесить, если можно,— разве нет?

— Но тогда из таких стрессов состоит вся жизнь,— возразил Степанов.

— А как же. Все не очень удобно, чаще всего противно... Потом это накапливается, и тогда в один прекрасный день все надоедает. Тогда нужен проводник. Он дает вам понять, что ни перед кем не нужно больше оправдываться. Вы все делаете правильно, вы сели именно в тот поезд и приедете именно в тот город.

— Замечательно,— протянул Степанов.— Замечательно! Какая отличная услуга! Человек едет в командировку, совершенно не нужную ни ему, ни делу,— просто для галочки. К нему в купе заходит проводник и убеждает, что эта поездка осмысленна, что все по делу...

— Да, конечно,— кивнул проводник.— Но это, само собой, не в всяком поезде.

— Ну хорошо. А уговорить меня, что все остальное имело смысл,— вы можете?

— Само собой,— кивнул проводник.— Вы же попали в наш поезд, а значит, все не просто так.

— Но этот поезд расслабляет,— Степанов сделал последнюю попытку объяснить себе и проводнику чувство смутной неловкости, незаслуженности происходящего.— Мне начинает казаться, что я все это заслужил. А я ведь не заслужил, я просто купил билет.

— Ну, купить билет — тоже надо уметь. Нужна решительность, даже храбрость,— уважительно сказал проводник.— Я бы во многих ситуациях еще подумал, а люди так быстро делают выбор. Это героизм, почти как на фронте.

— Да, да... Но понимаете — когда человек окружен удобствами и услужливостью, он поневоле приходит к более высокой самооценке. Ему кажется, что он ни в чем не виноват. А ведь все виноваты...

— Неправда,— сказал проводник.— С этим я буду спорить. Я не знаю, кто вам это внушил. Почему виноваты, перед кем? Почему обязательно надо представлять себе суд? Человек мучается всю жизнь, с самого рождения,— надо быть поистине очень

изобретательным садистом, чтобы за это с него еще взыскивать. Есть, конечно, люди дурные, наслаждающиеся страданиями ближних,— но их количество сильно преувеличено, в основном литературой, которой все время нужны конфликты. А так — обычные пассажиры, уверяю вас. Я много повидал пассажиров, давно работаю. И каждый, садясь в поезд, почему-то уверен, что он виноват. Кто вас так довел — непонятно. Никто ни в чем не виноват, спите.

— Ну, как знаете,— проговорил Степанов, уютно устраиваясь на лодке.— По-моему, я все-таки не очень хороший человек.

— Очень, очень,— пробормотал проводник и, пригнувшись, вышел. А Степанов заснул еще до того, как синяя сутулая спина проводника растворилась в сумраке коридора.

Он проснулся утром от деликатного стука в стенку — дверь так и оставалась всю ночь открытой.

— Вставайте, приехали.

— А что за город все-таки?

— Да вы не беспокойтесь, я провожу,— сказал проводник.

— В каком смысле проводите? Вам же ехать дальше?

— Нет, у нас такая услуга. Я помогаю выбрать город и устроиться, а потом поеду. Проводник — значит, провожает.

— Но тут хоть гостиница есть?

— Зачем гостиница?— удивился проводник.— Мы дом снимем.

— Это что, тоже такая услуга?— начиная злиться, спросил Степанов. Ему переставал нравиться этот повышенный комфорт.

— Это уже не наша услуга, это город предоставляет. По договору с нами. Неужели вы думаете, что не заслужили дом?

— Да откуда вы вообще знаете, что я заслужил или не заслужил?! Я уехал на два дня, в себя прийти...

— Ну и славно, и разве можно в гостинице прийти в себя? Гостиница — шум, плохой буфет, чужие люди... В доме хоть выспаться можно. Посмотрите город, погуляете...

— Черт знает что,— проворчал Степанов.

Он представил, что проводник сейчас ответит его в город, к какой-нибудь домохозяйке, с которой у него договор о поставке клиентов, а дом небось грязный,

провинциальный, еще баб каких-нибудь навяжут, сутенеры... Проводник смотрел на него с тайной насмешкой, и это бесило еще больше.

— Если вам что-нибудь не понравится,— сказал проводник,— вы всегда можете выбрать гостиницу или другой дом. Но вам понравится, я для этого с вами и схожу.

Поезд дернулся, как бы предупреждая о скорой отправке.

— Пойдемте, пожалуйста,— сказал проводник.— Еще заедем куда-нибудь не туда.

— Да мне одеться — подпоясаться,— буркнул Степанов, надел ботинки и вышел вслед за проводником на прохладный пасмурный перрон. Хорошо, что жара отступила и началась его любимая погода — серенькая, с вечно собирающимся, но так и не проливающимся дождем, с низкими тучами, ходящими вокруг. Он взглянул на желтое здание вокзала, пытаясь прочесть название города, сощурился, но так ничего и не разобрал. Видно было, что кончается на «ск».

Он бывал в таких городах, хорошо знал их — желтые и серые домики, холмы, широкая стальная река, перелаивающиеся собаки, маленький базар с семечками, солеными грибами и китайским ширпотребом, обязательно районная библиотека имени родившегося здесь третьестепенного литератора, полуразвалившийся кинотеатр, иногда краснокирпичное заводское здание на целый квартал... Они долго шли в гору, Степанов даже начал задыхаться,— проводник шел легко, уверенно и мог бы идти гораздо быстрее, но из уважения к Степанову подлаживался под его медлительность. Он, кажется, точно знал пункт назначения и не путался в паутине неотличимых горбатых улиц — то утыканных частными одноэтажными домиками, то заставленных рядами ветшающих хрущоб. Степанову казалось, что он узнает места, но это потому, что он слишком часто бывал в таких городах. Однако один поворот показался ему окончательно и безоговорочно знакомым — кажется, точно так обрывалась улица, на которую они с родителями только что переехали, когда Степанову было пять лет. Тогда московская окраина только застраивалась, и можно было ходить в ближайшую деревню за сиренью. Вот эта улица была очень похожа на ту, обрывающуюся,— только сирени уже не было, отошла. Все-таки ужасно, как у нас все одинаково.

— Вот сюда,— сказал проводник.— Если не понравится, мы еще поищем.

Он привычно достал ключ из-под половики и открыл деревянный дом, выкрашенный изрядно полинявшей синей краской,— Степанов отлично помнил этот цвет, так выглядел дом дачного соседа, человека таинственного, вечно палившего свет по ночам. Говорили, что он сошел с ума и добывает химическое соединение, способное

уничтожить на участке всю траву и не причинить вреда только полезным культурам. Сосед был ласков, тих и угощал Степанова малиной, росшей вдоль забора.

Но, едва войдя, Степанов сразу понял, что ничего другого искать не придется. Если у проводника и был договор с домохозяйкой, то домохозяйка по крайней мере честно выполняла все условия. Первая же комната, в которую они шагнули с веранды, была та самая, какую он хотел: самая счастливая его комната, в которой он жил, когда ему было пятнадцать. Это вообще было лучшее время, пробуждение всех способностей, осознание всех возможностей. Мир глядел на него тогда с радостным изумлением — вон как, ты умеешь и то, и это! Он радостно узнал диван с зеленой обивкой, стол с выдвижными ящиками, старый, от прабабки (один не открывался, он так и не узнал, что там,— пока был в армии, родители поменяли всю мебель; что там могло быть? Ничего, теперь посмотрим, теперь наверняка откроются все ящики). Он заглянул под диван и радостно увидел мяч, потерянный, когда Степанову было пять лет, на ровном месте: укатился в лесу за кусты, все искали, не нашли. Вот он где! Обои несколько обветшали, но узор на них был прежний, пересекающиеся под прямым углом линии, белые на сером фоне, столько раз рассматривал по утрам, в солнечном квадрате, медленно перемещавшемся от изголовья к ногам. Когда он доползал до трещины, уже точно пора было вставать.

— Ну?— радостно спросил проводник.— Я же говорил, вам другого не захочется.

— Нормально, нормально,— пробормотал Степанов.

Все было сделано точно, со вкусом, фирма веников не вяжет. Правда, увлеклись, копируя,— вот дверь на балкон, ведь они жили на третьем этаже, а какой балкон в одноэтажном деревянном доме? Но он подошел к балконной двери и увидел тот самый пейзаж, с которым вырос, который сменился после переезда, но так и остался любимым и незаменимым. Люди идут с работы (рядом был завод, обычная рабочая окраина Москвы начала семидесятых), троллейбусы поворачивают за угол... Правда, сейчас почти никого не было, но время было то самое: золотистый закат над улицей и далекими капустными полями. Еще дымит толстая приземистая труба, за которую как раз и опускается солнце. Надо будет завтра с утра посмотреть — вдруг там будет утро?

— Я посмотрю другие комнаты, хорошо?— Степанов почему-то спрашивал разрешения, хотя понимал, что этот дом уже его собственность.

— Конечно, конечно,— разрешил проводник, присаживаясь на диван.

Степанов думал, что в соседней комнате будет их комната с Ольгой, но вместо Ольгиной комнаты оказалась Надина, полутемная, грустная, где всегда было так невыносимо жаль всех, и больше всех Надю, беззащитную, беспомощную Надю, которая этой своей беспомощностью опутала его крепче любых сетей, он отлично знал цену всей этой неустроенности и беззащитности и потому-то сбежал в конце концов, потому что понял, что его уже поймали и сейчас будут жрать; но все-таки нигде и ни с кем он не был так счастлив, как в этой комнате, которую они обставляли вместе, исключительно на его деньги. С Ольгой все было хорошо, нормально, Ольга могла позаботиться о себе, а Надя не могла; но он чувствовал, что Надя играет на этом, а Ольга просто и честно живет, обеспечивая себя, и потому от Ольги не ушел, а Надя не пропала, уехала в конце концов в Англию, но и там, говорят, была несчастна. Комнаты этой больше не было — она продала квартиру, а потом старый дом снесли, это была кирпичная пятиэтажка в районе Рязанского проспекта, но он любил и тополя за окнами, и клумбу под окнами, и даже отвратительных старух у входа. Как-то так получилось, что отдавать, содержать, обхаживать и выхаживать было в его природе, и Надя к этой природе подходила больше; у нее вечно все ломалось, разваливалось, даже новая кровать, которую они выбрали вместе, даже телевизор, который он приволок сам вместо старого, — но и эта хрупкость вещей ему нравилась, все ветшало не просто так, а от соседства с настоящей страстью, всегда разрушительной. И почему тогда не ушел? Все равно ведь ушел потом от Ольги. Ужас в том, что пока отношения живые — они живые в обеих семьях, и мертвеют почему-то тоже одновременно, так что и уходить становится незачем. Он мечтал иногда — вот бы эта комната была его собственная; и она теперь была его, насовсем, но без Нади, которая только мешала бы, без слишком понятной теперь Нади с ее замаскированным, хитро спрятанным хищничеством. Это и есть самое лучшее — когда все о ней напоминает, но самой ее при этом нет. Он радостно узнал ее древний проигрыватель, набор виниловых дисков, сумку со старыми фотографиями на шкафу. Кажется, у нее полно было сумок, не разобранных с прошлого переезда. У нее вечно ни до чего не доходили руки, а чем она, казалось бы, занималась? Но зла не было, никакого зла, одна грусть. И в окне у нее стояло то вечное время, которое он любил больше всего, — четыре часа пополудни, спальный район, вернувшиеся из школы дети скрипят качелями во дворе, покрикивают, гоняют мяч. И ветер из форточки холодит разгоряченное тело. Он больше всего любил оставаться у нее днем, вокруг шла жизнь, никто ничего не знал. Близость казалась острее от соседства этих криков и скрипов за окнами. Старуха выходила поливать грядку левкоев

— интересно, выйдет ли старуха? Или у нее теперь другой дом? Может, ей всю жизнь хотелось играть на фортепьяно или вальсировать с полковниками, а вовсе не поливать левкой?

Третья комната — да, конечно, об этом он догадывался. Эта была дачная, с разошедшейся, музыкально поскрипывающей мебелью. Деревянный дом его детства давно сломали, а тот, который выстроили, он не любил. Но тут все было, как надо,— клеенка с изображением чайных чашек, блюдец, розеточек, тахта с красным в полоску покрывалом, шкаф со старыми журналами, лестница на чердак с множеством таинственных предметов и осиными гнездами, лепящимися к крыше... Теперь мы все пересмотрим, все переберем, перечитаем журналы, времени будет много.

Четвертой комнатой оказалась детская первого сына, старшего, любимого (врут, что младших любят сильнее),— он вырос теперь и стал неузнаваем, с ним не о чем было говорить, Степановым он явно тяготился, как тяготились им в последнее время все — неуместным, неудачливым человеком, что-то обещавшим, ничего не сделавшим. Да и что можно сделать? Чего мы ждем от людей? Чтобы они мир перевернули? Но сыну он обещал что-то особенное, персональное, и хотя в этой детской он был особенно счастлив, читая сыну вслух или собирая с ним сборные модели,— Степанов почувствовал именно тут страстную тоску, мучительное желание немедленно что-то сделать, что-то, чего ждали все. Но что именно сделать — он опять не догадывался и вернулся в первую комнату, больше всего боясь, что проводник сбежал и ответа искать не у кого. Но он не сбежал — честно сидел на диване, доброжелательно улыбаясь.

— Спасибо вам, вы очень хорошо все сделали,— сказал Степанов.— Замечательно построили, все детали учтены, я очень рад.

— Благодарите себя,— улыбнулся проводник.— Это ведь вы построили, это и есть ваш дом, который вот так сложился.

— Да, да,— рассеянно проговорил Степанов,— кто что построил, тот это и получит... Очень приятно, что по крайней мере не газовая камера. Но понимаете, я вдруг сейчас подумал — если все этим и исчерпывается, то не совсем правильно. Не совсем. Понимаете, я мог бы больше, лучше... мог бы вообще совсем другое...

— Там еще кладовка,— в некоторой тревоге пояснил проводник.— Ну, помните, десятый класс... у одноклассницы Астаховой Марии...

— Это я помню, да,— отмахнулся Степанов.— Кладовка, спасибо, очень хорошо. Но понимаете... изо дня в день, всегда, смотреть на эти пейзажи...— Тревога, только что напомнившая о себе все тем же слабым уколом, теперь разгоралась,

расползалась по телу, горела уже не только грудь, но и все лицо, и трудно было пошевелить левой рукой.— Мне кажется, что это тоска. И хотя я очень люблю... любил... провинциальные русские города, но есть же множество других возможностей. Мне кажется, если бы вы мне предоставили еще какой-то шанс...

— Но это же было ваше собственное решение,— удивился проводник.— И в Девятове можно было передумать...

— Да, да!— досадовал Степанов; его уже бесила эта вежливость.— Можно, но понимаете... иногда до такой степени все это достает... Поймите, иногда себя не контролируешь.

— Мы можем посмотреть другой дом,— терпеливо сказал проводник.— Другие комнаты.

— Нет, нет, не в этом дело! Все равно они все ведь уже были, понимаете?! Иногда принимаешь опрометчивое решение. Бывает, под влиянием минуты, и что я вам рассказываю?! По вам видно, что вы никогда ничего подобного не испытали. Я ценю вашу фирму, я заплачу сколько надо и чем надо. Но я вас очень прошу отвести меня на вокзал. Сам я тут не разберусь, а вы проводник. Вам положено. Это входит в ваши обязанности, в конце концов.

Проводник поднялся, и Степанов обрадовался.

— Ну вот,— сказал он.— Ну вот видите, я же говорил. Пойдемте, да?

— Я пойду,— виновато сказал проводник.— Вы пока посидите тут, успокойтесь. Потом пойдете, погуляете, встретите людей. Тут много людей, просто сейчас на работе все.

— Нет-нет,— настаивал Степанов,— мы пойдем вместе, и вы проводите меня на вокзал. Ну передумал, ну бывает. Ну пожалуйста!— канючил он уже совершенно по-детски.— Что я буду тут делать, сами подумайте! Это же невыносимо, я столько раз все это видел! Столько еще всего можно... пойдемте, да? Вы же отведете! Выпроводник!

Проводник остановился на пороге.

— Понимаете,— сказал он,— я, наверное, сам виноват. Надо было предупредить. Дело в том, что я не совсем проводник...

— Ах, да я давно догадался!— воскликнул Степанов.— Что за секреты, подумаешь, все понятно со второй страницы...

— Да не в том смысле.— Проводник поправил очки и наклонился к его уху.— Я полупроводник, понимаете?

— Не понимаю,— сказал Степанов.

— Только в одну сторону,— сказал проводник.— Это там было написано, на стене в поезде. Просто никто не запоминает, а зря. Ну, вы отдохните пока. И потом это... там еще сад, в нем яблоки. Помните, как в колхозе, после первого курса...

— Да-да,— сказал Степанов.— Помню, помню. Яблоки.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e estética**. São Paulo: Annablume/ Hucitec, 2002, p. 211.

ВЫКОВ, Dmitri. **JD-rasskazy** (Contos de ferrovias). Moscou: Vagrius, 2007.

LÓTMAN, Iúri. La memoria a la luz de la culturologia. NAVARRO, Desiderio (Org. e Trad.). **La semiosfera 1**. Madri: Cátedra, 1996.

_____. La semiótica de la cultura y el concepto de texto. NAVARRO, Desiderio (Org e Trad.). **La Semiosfera 1**. Madri: Cátedra, 1996.